

DECRETO N.º. 7.267 DE 21 DE JULHO DE 1982.

DENOMINA LUIZ ALVES DE SOUZA CAMARGO (CAMISOLA) UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.º. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1º. - Fica denominada "RUA LUIZ ALVES DE SOUZA CAMARGO (CAMISOLA)" a Rua 16 do Conjunto Habitacional Dr. Antonio Mendonça de Barros, com início na Rua 8 e término na Rua 23 do mesmo loteamento.

Artigo 2º. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL, 21 DE JULHO DE 1982

DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL
Prefeito Municipal

DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGO. ISTAMIR SERAFIM
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º. 1202, de 14 de janeiro de 1982, em nome do Prefeito Municipal, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 21 de julho de 1982.

NASSIF JOSÉ MOKARZEL NETO
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



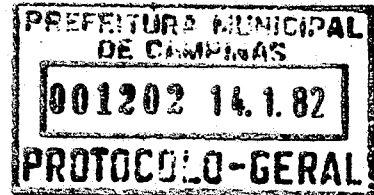
COAR



Prefeitura Municipal de Campinas

Campinas, 13 de janeiro de 1982

À
COAR
AT. DR. MAURO ALVES DOS SANTOS
NESTA



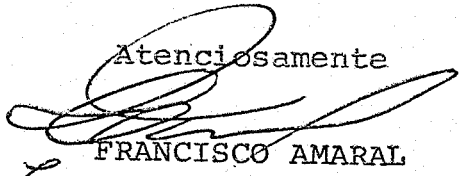
Prezado Senhor:

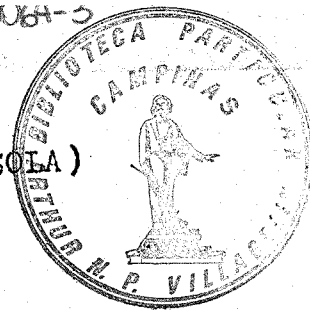
Solicito a V.Sa. as providências necessárias, no sentido de ser fornecida certidão gráfica e descrição de uma via pública para receber o nome de LUIZ ALVES DE SOUZA CAMARGO (Camisola), onde reuniremos só esportistas no Núcleo Mendonça de Barros.

Feita a indicação, o presente protocolado deverá ser encaminhado à Secretaria dos Negócios Jurídicos para o competente decreto.

Na oportunidade, subscrevo-me.

Atenciosamente


FRANCISCO AMARAL
PREFEITO MUNICIPAL



RUA LUIZ ALVES DE SOUZA CAMARGO (CAMISOLA)

Decreto nº 7267 de 21-07-1982

"Nessa oportunidade em que estamos rememorando um pouco da vida do Guarani F.C. no transcurso do seu "Jubileu de Ouro", trazemos, também, para as páginas deste suplemento comemorativo do "Correio Popular", algumas interessantes passagens com um dos mais velhos servidores do glorioso alvi-verde campineiro. Estamos nos referindo à figura bastante conhecida de Luís de Camargo ou simplesmente "Camisola", como é chamado na intimidade, elemento que conhece a fundo a vida do Bugre.

Desde 1923

Nossa reportagem esteve no "Brinco de Ouro da Princesa", mantendo um "bate-papo" com o popular "Camisola", ocasião em que o veterano esportista e bugrino de quatro costados, teve a oportunidade de recordar algumas das numerosas passagens dignas de registro desde que se encontra radicado ao alvi-verde campineiro. Disse-nos, que trabalha no Guarani desde 1923, tendo iniciado como jogador, ocupando a difícil e ingrata posição de goleiro, sendo titular absoluto durante quase toda a sua permanência no clube. Tomou parte em centenas de jogos, dentro e fora de nossa cidade, chegando a marcar época em memoráveis "duelos", escrevendo páginas gloriosas do esporte campineiro e muito especialmente do seu clube. Encerrou sua carreira de futebolista no ano de 1941, continuando, porém, radicado ao Guarani F.C., como funcionário, sendo zelador do memorável estádio da rua Barão Geraldo de Rezende e, atualmente, do "Brinco de Ouro da Princesa". "Camisola" chegou a colaborar também, nos departamentos de futebol do Bugre, constituindo-se, tempos atrás, num autêntico "lapidador" de jogadores, alguns dos quais estão se projetando no futebol brasileiro.

Figura benquista da coletividade bugrina

Quem conhece Luís de Camargo (Camisola), pode testemunhar de que se trata de uma pessoa boníssima, que sempre se tende a todos com a máxima solicitude. Pelos seus dotes de espírito e de coração, funcionário exemplar que é, "Camisola" goza da admiração e estima de todos que o cercam, muito especialmente da maioria dos afeiçoados do Guarani F.C.

(Extraído de "Desde 1923: Luís de Camargo "Camisola" Vem prestando Relevantes Serviços ao Guarani", reportagem inserida no Suplemento do "Correio Popular", comemorativo ao Jubileu de Ouro do Guarani, em 02-04-1961)



Craques do PASSADO

"Quebrei as mãos duas vezes, mas nunca deixei de ser o titular no gol do Guarani"



"Eu cheguei perto do Ananias..."



... que o Guarani tinha contratado para o meu lugar...



... e disse a ele: "Ói, Negão. O gol..."



... é cadeira cativa minha, ouviu?"

UM FENÔMENO CHAMADO CAMISOLA

O simples fato de ter permanecido no Guarani por quase meio século - isto mesmo, quase 50 anos - já justifica o adjetivo que lhe demos: fenômeno. Sim, ele foi um fenômeno. Foi e é, antes de mais nada, um bugrino, um apaixonado torcedor do Guarani que, infelizmente, já não vai aos estádios, por causa da idade avançada.

Aos 76 anos de idade, viuvo, pai de 2 filhas já casadas (há muito tempo), Luiz Alves Cruz de Camargo, o Camisola, certamente, não é nem sequer conhecido pela geração jovem, que talvez, nunca tenha ouvido falar dele. Afinal, ele jogou no gol do Guarani lá pelos idos de 1920, quando, com 15 anos, era o titular da equipe, posição que sustentou até aos 36 anos.

Os bugrinos mais idosos, entretanto, certamente se lembram de Camisola. Ele foi, sem dúvida, um dos maiores goleiros que o Bugre já teve, talvez o maior deles. Depois que encerrou a carreira, trabalhou ainda uns 30 anos dentro do clube, perfazendo um total de quase meio século.

Ninguém, absolutamente ninguém, conheceu o Guarani como ele, pelo menos tão de perto, tão atuante.

te. "Eu levaria 3 meses, só para te contar as coisas que sei do Guarani", ele diz. Não foi possível, portanto, em algumas horas, colher dele tudo aquilo que viu e experimentou. Apenas os aspectos mais importantes de sua carreira, como jogador e funcionário é que foram lembrados.

No cinema, a origem do apelido

Apesar da idade avançada, Camisola ainda é bem lúcido. Com seu corpo atarracado de 1,90m, reclinado à poltrona da sala de um de seus genros, ("Depois que a patroa morreu, eu fico um pouco na casa de cada uma das filhas"), ele vai relembrando seus episódios. Começa com o apelido:

— Eu jogava futebol ali no largo do mercado, o Mercadão. Naquela época, o cinema era mudo e existia um artista, o Sumeville, cujo nome era Augusto Camisola. Pelo menos, chamavam-lhe assim. Acontece que eu era muito parecido, fisicamente, com ele. Daí, a molecada, que ia comigo aos filmes, começava a me chamar de "Camisola", e acabei ficando com o apelido. Até hoje, ninguém me conhece por Luis Alves, só por "Camisola".

Nos seus 20 ou 21 anos como titular do gol bugrino, ele só deixou a posição duas vezes, ambas por contusão.



— Houve um jogo em Santos em que eu me contundi gravemente nas mãos. Naquela época, o jogador não era substituído como hoje. O jeito foi terminar o jogo com uma mão quebrada, amarrada em um pedaço de madeira.

Até hoje, os dedos de suas mãos são tortos, das fraturas que sofreu. Chegou a quebrar um dos punhos uma vez e tem deficiências de articulação nos dedos que o impedem, por exemplo, de pregar um prego.

"Ói, negão! Infelizmente, vou ter que tirar você daí"

Com a grave contusão sofrida em Santos, Camisola foi obrigado, obviamente, a deixar a meta do Guarani. Apavorados, os dirigentes da época resolveram contratar um tal de Ananias, que também era chamado de "Patricião", para jogar no gol. E não é que o "intruso" era bom mesmo?

— O Ananias veio como quem não quis nada, foi jogando, e eu fui ficando. Ele era muito bom também e eu vi que não ia ter mais vez no time, não. Aí, cheguei nele e disse: "Ói, negão! Infelizmente, vou ter de tirar você daí, pois esta posição é vitalícia, minha".

E foi o que ocorreu. Camisola, na base da pressão e do empenho voltou ao arco bugrino em pouco tempo. Daí, não saiu mais, até que teve nova contusão.

— Quebrei os dedos, novamente, numa outra partida, e lá foram os diretores do Guarani, de novo, atrás de um outro goleiro. Trouxeram um rapaz de Jaú, mas ele durou pouco tempo no gol, pois logo me recuperei e retomei meu lugar. Aquele lugar era meu e de mais ninguém.

"Minha melhor partida? Foi quando comi macarrão e bebi a noite toda"

Segundo os observadores que o viram jogar (que por sinal, não são muitos os vivos). Camisola "abusava no gol". Ele sempre fazia o mais difícil. Talvez por isso, fosse mestre em realizar defesas impossíveis, uma característica que marcou ao longo de toda a sua carreira.

Sua paixão pelo futebol já era constatada, para apuros de sua mãe, desde os tempos da escola primária.

— Eu estava no 3º ano do Grupo e o diretor, mandando chamar o meu pai, disse-lhe: "Pode levá-lo. Ele vai dar lixeiro". Eu retruquei na mesma hora: "Não. Vou ser jogador". O meu negócio era bola e passarinhos. Eu nunca quis saber de mais nada, muito menos de estudo.

Essa alegre irreverência o acompanhou por toda a vida. Nos jogos, era capaz de qualquer tipo de malandragem para que o Guarani vencesse. Nos derbis, só se lembra de ter perdido uma vez para a Ponte - 1x4 - dos inúmeros jogos que disputou. Boêmio, como quase todos os jogadores de sua época, passava noites acordado, quer em boites, quer jogando baralho e, geralmente, tendo que atuar no dia seguinte.

— Sabe qual foi minha melhor partida? Foi quando comi macarrão, joguei baralho e bebi a noite inteira. Tínhamos que jogar contra o "Leão do Norte", o Comercial de Ribeirão Preto. Jogamos, vencemos de 3x1, e eu recebi até uma medalha do Cravinhos, uma equipe rival do Comercial.



Camisola do gol do Guarani, em 1929. As traves ainda eram quadradas.

Um funcionário que fazia tudo

Ao concluir a carreira em 41, Camisola, tinha se tornado um símbolo, um sinônimo do próprio Guarani. Por isso mesmo, nunca deixou o clube, tornando-se um funcionário de múltiplas funções.

— Eu comecei como zelador do Pastinho, onde cuidava de tudo. Na verdade, eu não fazia nada, mas mandava em tudo, pois conhecia tudo. O gramado, por exemplo, quem cortava era minha filha, com uma máquina doada pelo Miguel Cury. Quando o clube adquiriu seu novo campo e foi plantar as gramas - onde hoje é o Brinco de Ouro - contrataram um engenheiro do Instituto Agrônômico, que não sabia nem que havia mais um tipo de grama "batatais". Tive que indicar-lhe a mais apropriada.

Ele foi ainda roupeiro, e exerceu outras funções. Controlava de tal maneira seu setor que, um dia, recusou ceder uma bola a um filho de um presidente do clube, se este não trouxesse, carimbada, a assinatura do pai, em um requerimento. Aposentou-se, recebendo "148 mirréis".

Camisola foi quem levou Zé Duarte, ao Guarani, no Departamento Amador, em 1960. Zé era grande amigo seu ("conhecidos tenho muitos. Amigos poucos"), e até hoje, passam horas conversando. Talvez Zé nem saiba, mas foi Camisola quem pediu aos diretores que o chamassem de volta, quando saiu em 67. Ele acha que Zé tem tudo para ser um dos grandes técnicos do Brasil, por ser "jeitoso e competente". O próprio Camisola, porém, ainda tem um sonho: quer treinar um goleiro, mesmo com 76 anos.

